



MULHERES DO MAR PORTUGUÊS



Chegada do barco á praia

IVONE BAPTISTA MAGALHÃES
JOÃO PAULO BAPTISTA¹

1. Introdução

Tradicionalmente era com base no sexo que se distinguíam as profissões. Profissões para homens e profissões para mulheres. O mundo do mar foi sempre entendido socialmente como um mundo de profissões masculinas.

As comunidades humanas encontraram formas de lidar com este aspecto, de alguma forma hoje entendido como sexista e redutor, estabelecendo as fronteiras entre as praticas de trabalho, masculinas e femininas, mas permitindo sempre que necessário uma abertura à troca, pura e simples, dos papéis atribuídos quer ao homem quer à mulher. É nas comunidades piscatórias e agro-piscatórias do norte de Portugal que essa troca é mais evidente e mais facilmente aceite, na troca de papéis em que a mulher exerce profissão masculina².

No caso da pesca, a forte contingência da morte do homem, frequentemente por naufrágio, com a viuvez precoce das mulheres, endividadas e sem outra forma de garantirem o sustento da família, poderá ser apontada como a principal razão para vermos mulheres embarcarem a bordo de embarcações com tarefas de pescador em muitas das nossas comunidades litorais.

Mas a morte dos homens da casa não explica tudo: na comunidade de Vila Chã (Vila do Conde) até meados do séc. XX as mulheres organizavam-se como armadoras e eram elas próprias a *companha*³, pescando o pilado (pequeno caranguejo) e a sardinha, andando ao mar tal como os homens, sem serem viúvas⁴. Era uma comunidade de fortes tradições da apanha do pilado e do sargaço (algas do mar), com redes e a bordo de embarcações de pequena dimensão, conhecidos como *miraços*⁵.

1.- Os autores, irmãos, nasceram no Farol de Esposende e são filhos de faroleiro, profissão ligada à vigilância sobre o estado do mar para avisos à navegação e que no séc. XX teve o seu auge em Portugal.

Ivone Baptista Magalhães é arqueóloga subaquática, Conservadora do Museu Municipal de Esposende e membro da Associação Barcos do Norte. João Paulo Baptista é investigador de património marítimo, monitor de vela tradicional e Presidente da Associação Barcos do Norte.

2.- O mesmo se passa com a troca em que o homem exerce papéis femininos, com exceção dos socialmente mal conotados pelo comportamento efeminado e que até há poucos anos era motivo de atitudes persecutórias e vexatórias por parte da comunidade, que segregava assim esses elementos.

3.- Companhia: tripulação de embarcação com função de pescadores. Neste caso cada companhia tinha entre 3 a 6 mulheres, as embarcações eram pequenas, à vela e a remo e funcionavam como uma unidade empresarial familiar.

4.- Caso único em Portugal.

5.- Miraço: pequena embarcação tradicional, de roda de proa e popa, cadaste e casco liso, hoje extinta.



Aponta-se como razão para a substituição dos papéis masculinos por mulheres, a forte emigração para o Brasil que despovoou de homens aptos a comunidade local e a procura de fertilizantes marinhos por parte de lavradores abastados e que pagavam em dinheiro vivo⁶, oriundos de terras do interior do país. Depressa as mulheres substituíram os homens ausentes garantindo o sustento da família, exercendo a pesca de manhã cedo e continuando no resto do dia como lavradeiras, amanhando a terra para as hortaliças (couves, nabos, cebola e alho) e as batatas.

Aponta-se a partir do séc. XVIII a introdução da produção do milho e da batata na dieta alimentar portuguesa, sendo considerada responsável por algumas das maiores alterações na sociedade: melhora a alimentação, aumenta a esperança e a qualidade de vida. Desde finais do séc. XVIII até 1960 a produção de milho e batata no litoral norte cresceu e levou à expansão dos campos agrícolas para novos terrenos com menor aptidão, ou seja, terras de solo arenoso e estéril que só a fertilização com pilado e sargaços secos ao sol poderiam tornar fértil.

Essa expansão foi tão intensa que a pesca do pilado e a apanha do sargaço se tornaram o verdadeiro motor económico da região litoral norte,

gerando fortuna a pescadores e lavradores, que detinham os meios para a produção (uns o barco, outros o dinheiro) e dando emprego a milhares de camponeses sem terras (assalariados e jornaleiros), carreiros e carregadores (que transportavam em carros de vacas ou de bois o sargaço e o pilado até terras a 60 km no interior do país), mendigos e cabaneiros pobres.

Os cabaneiros foram os verdadeiros povoadores das dunas litorais, a partir de finais do séc. XVIII, construindo as suas cabanas em madeira, criando a sua prole de filhos, uns empregues na pesca, outros na agricultura, que deram origem às primeiras povoações na borda de água e que estarão na origem de povoações como Moledo do Minho, Afife, Castelo do Neiva, S. Bartolomeu do Mar, Apúlia, Aguçadoura, A-Ver-o-Mar, Póvoa de Varzim, Caxinas, Vila Chã, Mindelo, Angeiras, Canidelo, Esmoriz, Murtosa e Ovar.

Em Portugal é em plena Idade Média que as profissões se organizam de forma estruturada e hierarquizada, mas os regulamentos de cada profissão só vão surgir muito mais tarde, grande parte deles já no séc. XVIII através de diplomas conhecidos por "regimentos". Curiosamente para as actividades relacionadas com o mar os seus regulamentos aparecem discretamente já a partir



À espera dos barcos na praia

6.- Dinheiro vivo: pagavam em moedas e não em género (com ovos, leite, azeite, sistema de trocas).



Mulheres a varar uma embarcação

do séc. XV com pequenos diplomas sobre as profissões ligadas à construção naval, à pesca, à cartografia e à pilotagem de navios.

Desde o séc. XVII que nas sedes de concelho, normalmente Vilas com foros régios, são arroladas as principais profissões sobre as quais os Senhores (os donos feudais ou o município), a Igreja ou a Coroa cobravam imposto. Nestas profissões distinguem-se algumas exclusivamente femininas: padeiras, vendedeiras de pão, vendedeiras de peixe, lavadeiras de roupa, amas de leite, tecedeiras, fiandeiras, bordadeiras. No final do séc. XVIII aparecem as redeiras, cozinheiras, vareiras⁷. No final do séc. XIX aparecem a lavradeira, a ceifeira, a criada doméstica, a governanta, a perceptora⁸, a balconista⁹, a telefonista, a operária fabril, a costureira e a aguadeira. Com excepção das amas de leite, da perceptora e da aguadeira, todas estas profissões chegaram, mais ou menos intactas, até ao limiar do séc. XXI.

A actual legislação sobre higiene e segurança alimentar obrigou as profissões ligadas à venda ambulante e na rua de géneros alimentares a um conjunto de quesitos que vão levar à extinção das varinas nas ruas dos lugares piscatórios e das vendedeiras de pão nas actuais feiras e recintos de festas populares. Surgiram ao longo do séc. XX outras profissões agora desempenhadas por mulheres que alteram significativamente o quadro das profissões que acompanhamos desde o séc. XVII. Interessa-nos particularmente as ligadas ao mar, sobretudo às pescas, porque a pesca terá sido

de facto um dos principais sectores de emprego, com a criação de condições de vida associadas directamente às actividades a montante e a jusante da pesca.

2. O inventário das profissões das mulheres do mar

Esquecendo a comunidade de mulheres pescadoras de Vila Chã, até agora consideradas um caso único em Portugal, interessa-nos identificar o elenco de profissões ligadas ao mar desempenhadas por mulheres.

A *modernidade*, quer dizer a introdução da tecnologia e dos recursos tecnológicos na sociedade actual, faz com que os próximos 20 anos sejam o tempo limite para a extinção continuada de muitas das profissões que até agora conhecemos. A própria lei dos estados membros fará o resto, como será o caso para os produtos alimentares vindos directamente do produtor para o mercado público, que passará a ter um controle sanitário, com o obrigatório embalamento e empacotamento com indicação do lote e validade do mesmo, originando a industrialização do que era, até então, artesanal. Entendemos que estas são razões suficientes para um inventário, mesmo que sumário, das profissões das nossas mulheres do mar.

O presente trabalho resulta de um levantamento de profissões no Minho litoral e no Entre-Douro e



Concertando as redes

7.- Vareira, também dita varina, pregoeira, peixeira: vendedeira de peixe que anda de terra em terra a vender e a apreçoar a venda do seu peixe.

8.- Do Inglês, misto de professora particular e criada com estatuto especial.

9.- Rapariga de balcão em boutiques de roupa e acessórios, farmácias, mercearias e salões de chá.

Minho Litoral, território atlântico compreendido entre os Rios Minho e Douro, com cerca de 60 km de extensão. As profissões foram organizadas por sectores e apresentam-se as localidades sempre do norte para o sul:



Fig. 1 Concertando as redes no fieiro¹⁰ da praia cerca de 1930

2.1. Pesca

- **Redeiras:** fazem e atam rede, atam e armam armadilhas de rede (murejonas e covos), estão presentes em todo o território em análise;



Fig. 2 Venda de sardinha junto da ribeira de Viana.

10.- Fieiro é o nome dado na Póvoa de Varzim e arredores ao areal junto à praia onde antigamente se estendiam as redes da sardinha a secar e onde se concertavam, trabalho esse realizado quase só por mulheres. Ou o local na praia onde os pescadores se reúnem para observar o tempo e o mar.

11.- Docapesca, sistema nacional e integrado de serviços de lota e vendagem de pescado em Portugal.



Fig. 3 Venda de peixe seco na praia da Nazaré, sendo esta actividade um misto de artesanato turístico na actualidade

- **Peixeiras:** vendem peixe, em bancas de mercado, de hipermercado e lojas próprias ou na rua, estão presentes em todo o território em análise;

- **Rematadeiras:** compram o peixe em leilão legal na Lota¹¹, estão presentes em todo o território em análise;

- **Mariscadeiras:** apanham os mariscos e peixes que ficam retidos nas poças de água e pedras quando a maré baixa. Em Carreço e Afife chamam-se *despesqueiras* a estas mulheres que andam na *despesca* de vara, comprida e em cuja extremidade engata um gancho, que serve para andar aos polvos e que usam para se equilibrarem



Fig. 4 Mulheres mariscadoras de mexilhão de Moledo do Minho cerca de 1905



no alto das pedras quando a maré começa a encher e precisam de regressar a terra. Estão presentes em todo o território em análise;

- **Pescadora:** vai ao mar embarcada numa embarcação de pesca, encontram-se casos ao longo do séc. XX em Esposende e em Vila Chã; está extinta neste território.

- **Marinheira-Pescadora:** em 1986 com a criação da Escola FORPESCAS (Centro de Formação Profissional para o Sector das Pescas) com Delegações em Viana do Castelo, Póvoa de Varzim/Vila do Conde e em Matosinhos iniciou-se a formação profissional para jovens mulheres que ingressavam na carreira como Marinheiro-Pescador, podendo prosseguir para Arrais, Mestre e Contra-Mestre de Pesca. Algumas destas mulheres ainda continuam no activo¹².

2.2. Sal

Salineira: faz flor de sal, extinta neste território; praticou-se em Viana do Castelo (Meadela e Santa Marta de Portuzelo).

Saleira ou mulher do sal: faz o transporte de sal em pequenas caixas à cabeça para carregar o porão de um navio do bacalhau, ou a descarga do



Fig. 5 Descarga de sal de um navio para o armazém. As mulheres com as gamelas de sal à cabeça em Viana do Castelo.

navio de transporte para o armazém do sal. Extinta neste território¹³, praticou-se em Caminha, Viana do Castelo, Vila do Conde e Matosinhos.

Salgadeira: faz a cura do bacalhau com flor de sal e exposição solar em latada por vários dias até ficar seco e pronto para ser vendido. Conhecidas como *seca do bacalhau*, as grandes extensões de latada foram substituídas por pequenas e modernas estufas a quente, que em poucos dias fazem a mesma cura (com prejuízo do sabor, dizem os entendidos e sem necessitarem dos cuidados e vigilância das salgadeiras). Existiram em Caminha, Viana do Castelo, Darque, Vila do Conde e Matosinhos. Actualmente está extinta.



Fig. 6 Seca do Bacalhau da Empresa de Pesca de Viana na localidade de Darque, vendo-se as latadas de arame e os bacalhaus a secar, que eram de tempos a tempos voltados, para a seca ser uniforme.

2.3. Transporte

- **Barqueira:** faz o transporte de pessoas e bens em barcas de passagem nos principais rios, antes da revolução rodoviária dos anos próximos de 1950. Existiu no rio Lima (lugar de Passagem, Ponte de Lima) e no Rio Cávado (Prado); está extinta neste território.

12.- O sector da pesca em Portugal ressentia-se da falta de investimento do Estado e da própria conjuntura internacional, que mergulhou o país numa recessão económica.

13.- Tal como a própria pesca do bacalhau, extinta nos moldes tradicionais que lhe conhecíamos. Actualmente a captura de bacalhau faz-se em modernos navios fábrica. Só há um registado no Porto de Viana do Castelo.



Fig. 5 Barqueira do Lugar da Afurada, no rio Cávado, em Novembro de 1965. É Rosa Ferreira de Sousa, dona do maior barco de passagem.

2.4. Doméstica

- **Rendilheira de bilros:** renda de influência Bretã, exclusiva das comunidades piscatórias de alto mar, como as bacalhoieras. Existe em Vila do Conde, onde a actividade de rendilheira tem



Fig.7 Mulher rendilheira de bilros a trabalhar á porta de casa Vila do Conde



Fig.8 Almofada de bilros de Vila do Conde

museu próprio (Museu das Rendas) com ateliers de formação em Bilros.

- **Rendilheira de agulhas,** tricote, crochet, meia e malha, presente em todo o território em análise, com especial importância na Póvoa de Varzim;

- **Doçaria:** Variada, considerada de origem conventual e fruto da educação que as freiras davam às meninas órfãs dos pescadores, presente ainda em Caminha, Viana do Castelo, Fão (Esposende), Vila do Conde, Cantareira (Porto), Afurada (Vila Nova de Gaia) e Ovar.



Fig. 9 Rendilheiras de bilros e de agulhas de Viana do Castelo

2.5. Apanha de algas

- **Sargaceira:** faz a apanha de sargaços arrojados à terra pelo mar na época das maresias (Maio a

Setembro). Actualmente utiliza a ajuda de um tractor agrícola, com o qual transporta de uma só vez vários quilos de sargaço para o alto das dunas, onde o deixa a secar estendido numa camada fina e compacta, a que se chama *manta de sargaço*. Ainda se pratica em Carreço, Anha, Castelo do Neiva, Marinhas, Fonte-boia (Sedovém), Apúlia, Aguçadora e A-Ver-o-Mar;

- **Jangadeira:** faz a apanha do sargaço na costa, em dias calmos, a bordo de uma jangada de troncos ou de cortiças¹⁴, usando para o corte das algas uma vara comprida em cuja extremidade engata um foicinhão (foice curva de grande dimensão). Considerado proibido o corte da alga viva por ser actividade depredatória, foi extinta na década de 1960. Praticou-se em Anha, Castelo do Neiva, S. Bartolomeu do Mar, Apúlia e A-Ver-o-Mar.



Fig.10 Sargaceiras do Castelo do Neiva, vestidas com as roupas de ir ao sargaço; branquetas de lã e chapéus sueste na cabeça, trazendo os rodafóles do sargaço.

Existem ainda localmente algumas profissões desempenhadas por mulheres que não incluímos neste inventário por não serem profissões específicas das mulheres do mar, como é o caso das proprietárias e empregadas em casas de pasto (hoje convertidas a restaurante), das tabernas, cafés, mercearias e padarias, os locais próprios das comunidades piscatórias que as mulheres também frequentam e onde a vida ferve de linguagem, corporal, gestual e sonora, porque as gentes do mar, sobretudo as mulheres, são ruidosas e andam em grupo, quase sempre apinhadas de filhos pequenos e netos, que se escondem por trás das saias e aventais com que orgulhosamente se trajam e se identificam perante as outras comunidades.

3. Um caso exemplo: A pescadora de Ribeira Grande S. Miguel, Ilha dos Açores¹⁵

A palavra na primeira pessoa:

Quem é?

Chamo-me Zilda Maria Paiva Silva, tenho 38 anos, vivo na freguesia de Ribeira Grande na Ilha de São Miguel nos Açores. Sou casada com um pescador, e comecei a ir ao mar com o meu marido há seis anos. Também tenho um filho de 17 anos que anda ao mar.

Tirei a carta de Pesca local o que me permite governar um barco até 9 metros e navegar até às 12 milhas.

Em que tipo de embarcação pesca?

O meu barco chama-se 'Manuel Elias', é uma embarcação com 7 metros de boca aberta.

As artes que uso na pesca são redes de emalhar, que compro na Galiza por lá serem mais baratas que em Portugal. Mando vir os panos de rede e depois sou eu que preparo as artes, entralho as

14.- Existem nas mesmas comunidades dois tipos de jangada, que variam no tamanho e na construção. Uma é a *jangada* que parece um estrado do carro de bois e que leva rodado para ser transportada como um carrinho de mão. A outra é uma espécie de padiola ou carrela cheia de rolos de cortiça que se chama *corticeira* e que é transportada por duas pessoas, uma à frente e outra atrás e que na água se desloca muito bem.

15.- Entrevista efectuada aquando da realização do Fórum Nacional das Pescas Mudança de Maré, nos dias 17 e 18 de Novembro de 2006 realizado nas instalações da Escola de Pesca e Marinha de Comercio e no IPIMAR, dia 18, em Lisboa.



Fig.11 Entrevista a Zilda Silva, uma pescadora dos Açores.

redes, coloco as vigias¹⁶ e os chumbos, pois também aprendi a ser redeira. Quando se estragam no mar também sou eu que as remendo.

Que visão tem da Pesca nos Açores?

A minha visão para o futuro na pesca é pessimista. O pescador cada vez ganha menos, o peixe cada vez é mais barato. No meu caso prefiro pescar no Inverno porque no Inverno o peixe é mais caro e ganha-se mais. No verão o peixe é vendido abaixo do valor real e não se ganha o suficiente para as despesas do barco. Se o peixe fosse mel-

hor pago, não fazíamos um esforço de pesca tão grande, assim para ganharmos o suficiente temos de pescar mais, se com menos peixe obtivéssemos o mesmo dinheiro, o esforço de pesca era menor com benefícios para a manutenção das espécies, mas não me parece que seja essa a visão dos governantes. Mas isto não é um futuro risonho

Era habitual, as mulheres andarem ao mar nos Açores, ou mais propriamente em São Miguel?

Não era da tradição a mulher andar ao mar aqui na ilha, os pescadores antigamente diziam que uma mulher a bordo dá azar. Mas hoje os tempos mudaram, e os homens já nos aceitam, aqui temos mais algumas mulheres a pescar.

No ano de 2002 foi aprovado um projecto aqui nos Açores chamado Mudança de Maré¹⁷ onde estiveram inseridas muitas mulheres da pesca, e que nos proporcionou mais conhecimentos e aptidões, portanto hoje estamos em pé de igualdade no domínio da arte da pesca com os homens, e eles já nos aceitam. No meu caso pessoal pesco com o meu marido.

Créditos fotográficos:
Arquivos dos Autores



Preparando as redes



Descargando sal

16.- Em São Miguel chamam vigias às pequenas bóias de plástico (antigamente em cortiça) que fazem a flutuação das redes.

17.- Mais informações em: www.equal.pt, www.umar-azores.org e www.umarfeminismos.org